

Brasileiros abrem mão de reajustes

Pesquisa revela que há trabalhadores dispostos a não ter aumento em nome da estabilização. Maioria está entre mais pobres

Paulo Silva Pinto
Da equipe do Correio

A oficial de justiça Trícia Rocha, 24 anos, recebe R\$ 2 mil por mês. Está disposta a continuar ganhando isso no próximo ano, mesmo que os preços subam cerca de 15%. "Se for para evitar o aumento da inflação, estou disposta a ficar sem aumento de salário", afirma ela. O economista Nilton Franzoni, 36 anos, acha o mesmo: "Se for para evitar a reindexação, temos de abrir mão de reajustes".

Trícia e Nilton pensam igual a 37% dos 2.007 entrevistados pelo Instituto Vox Populi em 195 cidades grandes e pequenas de 24 estados: preferem sacrificar o reajuste salarial para que os preços não aumentem ainda mais. A maioria (51%) dos entrevistados diz o contrário: se houver inflação, os salários também têm de aumentar. Outras 12% não sabem ou não quiseram responder.

Só o mais surpreendente é que a disposição de abrir mão dos reajustes é maior entre os entrevistados com renda mais baixa. A pesquisa mostrou que na faixa de renda até um salário mínimo, 45% dos entrevistados quer reindexação salarial, enquanto na faixa acima de 20 mínimos esse percentual sobe para 54%.

Antônio Queiroz, diretor do Departamento Intersindical de Acompanhamento Parlamentar (Diap),

mostrou-se surpreso com o percentual de brasileiros dispostos a abrir mão de seus reajustes para manter a inflação sob controle. "A população quer que a estabilidade econômica continue", diz. Mas Queiroz acha que as pessoas dispostas a passar um ano sem reajuste não estarão pensando assim no final de 1999.

Mesmo que o índice médio de aumento de preços ao consumidor fique próximo a 15%, "Os alimentos vão subir bem mais do que a média, provocando descontentamento", prevê.

BENEFICIADOS

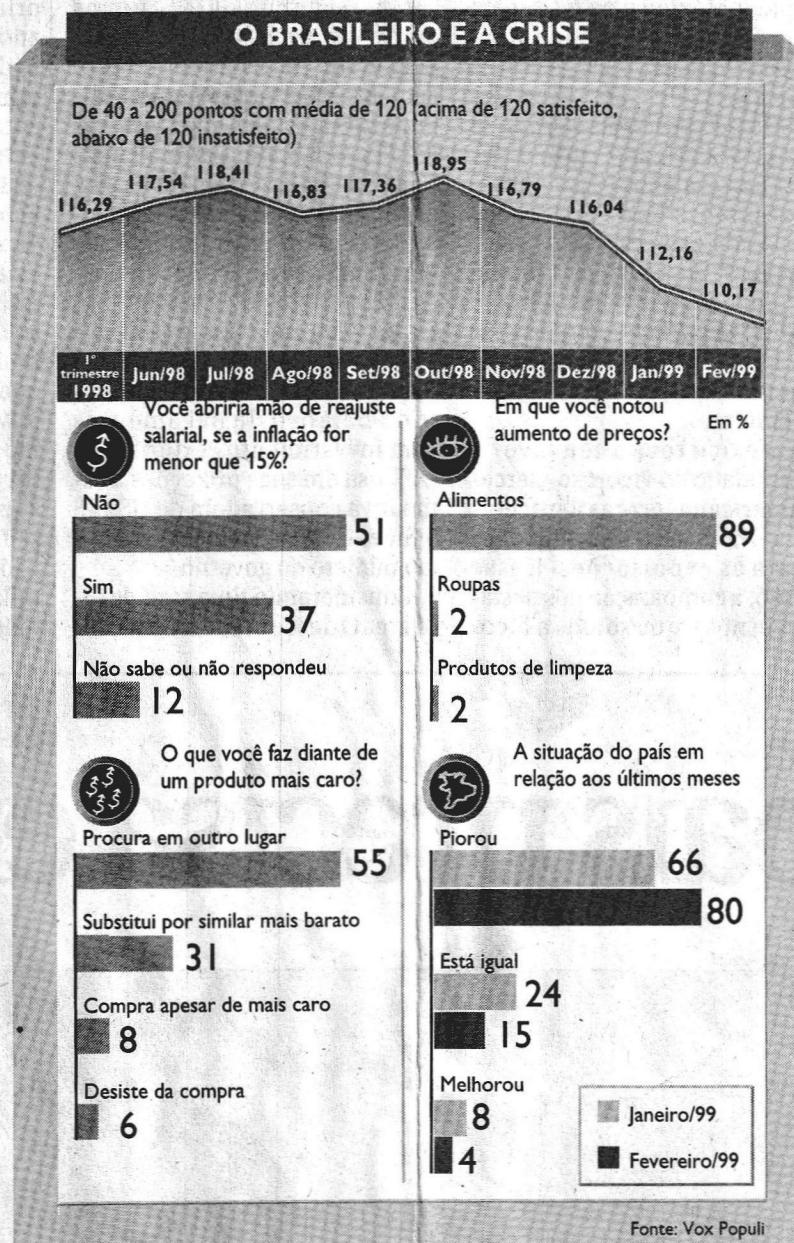
Na opinião do despachante Divino Silva, 43 anos, são exatamente os mais pobres que precisarão do reajuste. "Quem tem salário alto pode até ficar sem aumento. Mas quem recebe salário mínimo não poderá viver com os preços maiores. A situação atual é a pior dos últimos dez anos", diz ele. O funcionário público Itamar Silveira, 24 anos, tem certeza de que a inflação vai aumentar nos próximos meses e não está disposto a abrir mão de reajuste para seu salário. "Por que só alguns serão beneficiados com os preços maiores?", indaga.

A maioria dos entrevistados pelo Vox Populi (73%) tem certeza de que os preços vão aumentar cada vez mais nos próximos meses. É ainda maior o número dos que contam com aumento no desemprego: 80%. Mas não houve aumento do pessimismo. Em janeiro, outra pesquisa da Vox Populi incluiu essas perguntas e teve respostas semelhantes: 73% para a inflação e 82% de desemprego. Considerando-se a margem de erro de três pontos percentuais, não houve mudança.

A superação da crise não será rápida, segundo os entrevistados. A metade acha que levará mais de um ano para que os problemas sejam solucionados. O maior segmento (25%) espera dois anos de dificuldades ou mais. Entre seis meses e um ano há 20% de respostas. Entre um e dois anos, 17%. Para 12%, o País não vai superar a crise.

"A POPULAÇÃO QUER QUE A ESTABILIDADE ECONÔMICA CONTINUE"

Antônio Queiroz,
diretor do Departamento Intersindical de Acompanhamento Parlamentar (Diap)



Fonte: Vox Populi

Quase todas as pessoas perceberam aumentos de preços no comércio superiores aos de antes: 92% responderam afirmativamente a essa pergunta. E os produtos alimentícios são os que mais estão aumentando, segundo 89% das pessoas. Higiene pessoal, limpeza doméstica, roupas e transporte estão bem abaixo, com 2% cada um. João Francisco Meira, diretor do Vox Populi, explica que os alimentos têm maior peso nos gastos pessoais dos entrevistados e por isso aparecem com destaque tão grande nas respostas.

Diante de um produto mais caro, 55% dos consumidores disseram que vão procurá-lo em outro estabelecimento comercial, na tentativa de conseguir preço melhor. Outros 31% optam por um produto similar, mais barato, como faz a oficial de justiça Trícia Rocha. "Compro o sabão Minerva porque costuma ser o mais barato. Mas se tiver outro em promoção, eu levo sem problema", diz. Dos entrevistados, 8% compram o produto mesmo que esteja mais caro e 6% desistem da compra.

Segundo Francisco Meira, é mais frequente a disposição de mudar de marca entre as pessoas de renda mais alta. "É que as pessoas de renda mais baixa em geral já estão usando os produtos mais baratos que existem. Não têm como mudar de marca. A única opção é deixar de comprar", explica.